

NEO-HUMANO

Coleção **COMUNICAÇÃO**

Coordenação: Antonio Iraldo Alves de Brito

- *Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso*, Luís Mauro Sá Martino
- *A produção social da loucura*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*, Lucia Santaella
- *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*, Lucia Santaella
- *O escavador de silêncios: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*, Lucia Santaella
- *A realidade dos meios de comunicação*, Niklas Luhmann
- *É preciso salvar a comunicação*, Dominique Wolton
- *Teoria do jornalismo: identidades brasileiras*, José Marques de Melo
- *Linguagens líquidas na era da mobilidade*, Lucia Santaella
- *Comunicação e democracia: problemas & perspectivas*, Wilson Gomes; Rousiley Celi Moreira Maia
- *Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*, André Lemos; Pierre Lévy
- *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade e ubiquidade*, Lucia Santaella
- *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*, Lucia Santaella; Renata Lemos
- *O princípio da razão durante: comunicação para os antigos, a fenomenologia e o bergsonismo – Tomo I – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Comunicação e identidade: quem você pensa que é?*, Luís Mauro Sá Martino
- *O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica – Tomo V – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *O princípio da razão durante: da Escola de Frankfurt à crítica alemã contemporânea – Tomo II – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *O princípio da razão durante: o círculo cibernético: o observador e a subjetividade – Tomo III – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *O princípio da razão durante: diálogo, poder e interfaces sociais da comunicação – Tomo IV – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*, Lucia Santaella
- *O rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico. Nova teoria da comunicação, vol. I*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Teoria e metodologia da comunicação: tendências para o século XXI*, José Marques de Melo (eBook)
- *Comunicação, mediações, interações*, Lucrecia D'Alessio Ferrara (eBook)
- *Revolucionários, mártires e terroristas: a utopia e suas consequências*, Jacques A. Wainberg (eBook)
- *Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política*, Lucia Santaella
- *Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais*, Luís Mauro Sá Martino
- *Cultura, comunicação e espetáculo*, Cláudio Novaes Pinto Coelho; Valdir José de Castro (eBook)
- *Net-ativismo. Da ação social para o ato conectivo*, Massimo Di Felice
- *Redes e ecologias comunicativas indígenas*, Massimo Di Felice; Eliete S. Pereira (orgs.)
- *A comunicação que não vemos*, Lucrecia D'Alessio Ferrara
- *Comunicologia ou mediologia? A função de um campo científico da comunicação*, Ciro Marcondes Filho
- *A carta, o abismo, o beijo. Os ambientes de imagens entre o artístico e o mediático*, Norval Baitello Junior
- *Mídia e lutas por reconhecimento*, Rousiley C. M. Maia
- *Cidade, entre mediações e interações*, Lucrecia D'Alessio Ferrara
- *Teorias da comunicação hoje*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Transformações da política na era da comunicação de massa*, Wilson Gomes (eBook)
- *Uma foto vale mais que mil palavras*; Alexandre Huady Torres Guimarães, Fred Izumi Utsunomiya, Ronaldo de Oliveira Batista (eBook)
- *Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet*, Lucia Santaella
- *Um brinde à incomunicação: reflexões a partir da Europa*, Dominique Wolton
- *Neo-humano: a sétima revolução cognitiva do Sapiens*, Lucia Santaella

NEO-HUMANO
A sétima revolução cognitiva do Sapiens

Lucia Santaella



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: Sílvio Ribas
Coordenação editorial: Antonio Iraldo Alves de Brito
Gerente de design: Danilo Alves Lima
Coordenação de revisão: Tiago José Risi Leme
Preparação do original: André Tadashi Odashima
Diagramação e capa: Karine Pereira dos Santos
Impressão e acabamento: Paulus

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Santaella, Lucia
Neo-humano: a sétima revolução cognitiva do Sapiens / Lucia Santaella. – São Paulo: Paulus, 2022. Coleção Comunicação.

ISBN 978-65-5562-673-5

1. Cultura e tecnologia 2. Humanismo 3. Sociedade – Evolução 4. Comunicação e cultura
I. Título II. Série

22-3106

CDD 306.42

Índice para catálogo sistemático:

1. Cultura e tecnologia



Seja um leitor preferencial PAULUS.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro
Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-673-5

que floresça o mais que humano em nós
(Caetano Veloso)

Este livro é parte do projeto de Produtividade em Pesquisa
que me é concedido pelo CNPq (projeto 304388/2020-2025).

Meus agradecimentos ao CNPq.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
A extrassomatização da mente humana	13
O crescimento da inteligência	15
Inteligência, uma questão a discutir	18
CAPÍTULO 1 – Das revoluções às disrupções	21
Revolução e evolução	25
A efervescência cultural sob o nome de pós-modernidade	31
Aceleração e disrupção	35
CAPÍTULO 2 – Revoluções em eras evolutivas	45
Evoluções de largo espectro temporal	49
Revoluções tecnológicas em questão	53
A irrupção da IA	61
CAPÍTULO 3 – O humano à luz de teses evolutivas	73
O ponto de vista biológico-cultural	74
O ponto de vista linguístico-cultural	78
O ponto de vista cultural-cognitivo	80
O ponto de vista semiótico-cognitivo-cultural	83
A antropologia evolucionária de Flusser	88
O preenchimento de um hiato	96
Retornando à tríade	101

CAPÍTULO 4 – O que são eras culturais	105
Fundamentos materialistas da cultura.....	108
A ideia das eras culturais	111
Culturas preparatórias da oralidade	116
CAPÍTULO 5 – Cultura da oralidade:	
a primeira revolução cognitiva do Sapiens	123
A invenção dos mitos	128
A memória na oralidade	130
A degenerescência do mito	134
CAPÍTULO 6 – Cultura da escrita:	
a segunda revolução cognitiva do Sapiens.....	141
Rastros da função simbólica do adorno corporal	145
As escritas e o alfabeto.....	148
A memória externalizada.....	153
CAPÍTULO 7 – Cultura do livro:	
a terceira revolução cognitiva do Sapiens	155
As tecnologias em nevoeiros morais	157
A cultura teorética.....	159
Nascimento e expansão do livro impresso.....	161
CAPÍTULO 8 – Cultura de massas:	
a quarta revolução cognitiva do Sapiens.....	169
A era moderna.....	172
Expansões tecnocognitivas	176
As máquinas sensórias	177
Escritas híbridas.....	182
CAPÍTULO 9 – Cultura das mídias:	
a quinta revolução cognitiva do Sapiens.....	191
Pós-moderno e pós-modernidade.....	192
Críticas à modernidade	195
Uma cultura do disponível.....	198

CAPÍTULO 10 – Cultura do digital:	
a sexta revolução cognitiva do Sapiens.....	203
Hipermodernidade e modernidade líquida.....	210
A escalada da cultura digital.....	214
Do acesso interativo à conexão contínua.....	215
Do locativo à ubiquidade e hipermobilidade.....	220
Propagações do digital nas mídias precedentes.....	224
Transmutações cognitivas: ambivalências e controvérsias.....	227
CAPÍTULO 11 – Cultura dos dados:	
a sétima revolução cognitiva do Sapiens.....	231
O gigantismo dos dados.....	234
O emaranhado tecnológico hodierno.....	236
O que iremos chamar de realidade?.....	242
Os algoritmos não são mais o que costumavam ser.....	245
Breve histórico da IA.....	246
O beabá da IA.....	251
A inteligência artificial é inteligente?.....	256
CAPÍTULO 12 – Consequências sociopsíquicas e ambientais do limiar tecnológico.....	267
Os lados sombrios da IA.....	268
A contraparte da ética.....	273
Consequências da dataficação.....	279
Defesas em prol da privacidade.....	284
A conectividade cognitiva expandida.....	286
Antropoceno: o preço a pagar.....	291
Capitaloceno: a face perversa do Antropoceno.....	296
A tecnosfera entremeada a outras esferas.....	299
CAPÍTULO 13 – Do pós-humano & não humano ao neo-humano....	305
Pós-humano ou transumano?.....	306
O resgate da vida dos objetos.....	311

Os animais na cena	316
Desdobramentos do não humano	321
Por que neo-humano?	323
Muitas humanidades em palimpsesto	326
Do figital ao fibiogital.....	333
BIBLIOGRAFIA	341

INTRODUÇÃO

Este livro expõe e defende uma tese. Não no sentido das formalidades de uma tese acadêmica. Nem foi escrito nesse contexto específico. Mas no sentido da responsabilidade e do rigor que se exigem perante as ideias que enuncia. A síntese dessa tese pode ser apresentada nas poucas palavras que cabem a uma introdução. Sua defesa será feita gradativamente ao longo dos capítulos, movidos pela paciência dos conceitos e das argumentações explicativas que, por isso mesmo, não podem ser apressadamente aqui apresentados. Vem daí o convite para que o leitor me acompanhe na jornada caso as palavras que vêm a seguir possam instigar a sua curiosidade intelectual. Assim sendo, esta introdução irá se limitar a uma narrativa que relata a história da emergência e continuidade das minhas ideias no tempo, as quais só agora amadureceram na convicção de que é chegada a hora do compartilhamento. Passemos para a narrativa.

Nosso ponto de partida: as sociedades humanas estão envolvidas em profundos e cruciais impasses de todas as ordens, ecológicos, tecnocientíficos, macro/geo/micropolíticos e sociopsíquicos. Para diagnosticá-los, de modo a elucidar caminhos que se abram na busca de soluções, não cabem entendimentos simplistas. Dada a minha formação nas ciências e artes humanas, minhas preocupações voltam-se sempre para o cerne que dá nó aos emaranhados fios

desse impasses, a saber, de que é feito o humano? Quais são hoje suas condições de existência? Sob influência de Nietzsche e Foucault – e, em aspectos complementares, Benjamin –, aprendi que o imediato engana. É preciso praticar a genealogia das condições que levaram até o presente. Os impasses são cruciais demais, exigindo que o recuo ao passado seja tão vasto quanto os dilemas exigem. Para isso, elegi o *Sapiens* e sua longuíssima travessia como meio e método para o diagnóstico de suas atuais condições. Não foi uma opção súbita. Intuições, visitas interrompidas aqui e ali, mas obstinadamente fiéis às minhas preocupações, não foram abandonadas no meio do caminho. Meu trabalho se desenvolve na solidão concentrada que o amadurecimento das hipóteses reclama. Uma solidão paradoxal, pois autores de diversas áreas de conhecimento constituem-se em companheiros e protagonistas do meu parque de diversões mentais. Creio que os capítulos que se seguem darão respaldo a essa constatação.

A hipótese central, que orienta o que virá, afirma que a inteligência do *Sapiens* segue um processo progressivo de crescimento de complexidade que se alimenta de dois fatores: a) A inteligência tem sua fonte na linguagem falada, e esta foi se desdobrando semioticamente em uma multiplicidade de outras linguagens cada vez mais heteróclitas e misturadas. b) Não há linguagem que possa prescindir de meios sociotécnicos para a sua produção e transmissão. O desdobramento das linguagens foi sendo acompanhado pela multiplicação de tecnologias de linguagem, portanto, tecnologias inteligentes que tornaram os processos comunicativos cada vez mais complexamente interconectados. Comunicação e cultura são inseparáveis. A literatura paleontológica comprova isso. Aí se encontra a malha bem tecida que entremeia linguagem, comunicação, cultura como fruto das habilidades cognitivas do humano. Antes que a noção de inteligência seja fetichizada, é preciso anotar que a inteligência humana é paradoxal, agônica, não dá conta de seus próprios venenos. Amiga e inimiga no próprio coração da espécie. Essa afirmação ficará cada vez mais clara. Sigamos.

A EXTRASSOMATIZAÇÃO DA MENTE HUMANA

Desde muito cedo, o Sapiens buscou superar tanto a fragilidade do seu cérebro mortal como depositário da memória quanto a contingência da fala evanescente e fugaz: começou a gravar imagens nas grutas para driblar a dissipação da memória no tempo. Do mesmo modo, inventou formas de escrita pictográficas, ideográficas, hieroglíficas como meios de preservação externa, socializada, dos seus modos de conhecimento do mundo. Tais fatos têm me levado a afirmar (SANTAELLA, 2003, p. 209-230) que, por meio das linguagens, aí se deu o início do crescimento do cérebro humano, de sua capacidade cognitiva e, conseqüentemente, de sua inteligência fora do corpo biológico, mas devidamente a ele integrado pelos próprios fios do pensamento e da inteligência mediados pelas linguagens. A ênfase na linguagem coloca minha teoria longe daquela bastante aclamada, desenvolvida por Andy Clark (1997), sobre a mente estendida. Para esse autor, as extensões saltam da mente e do corpo para as tecnologias e seus ambientes, sem que haja um elemento condutor para essa passagem. Esse fio condutor encontro nos signos, únicas entidades que se acomodam com igual desenvoltura em nossas mentes e nos equipamentos e dispositivos externos de linguagem, ambos em interconexão.

Na continuidade de minha narrativa, para ficarmos no Ocidente – pois, para o Oriente, como já afirmou Octávio Paz, só podemos olhar pelo enquadramento de uma janela –, grandes saltos na direção do crescimento da inteligência foram dados a partir da implantação, no mundo grego, da escrita alfabética e seus suportes de inscrição que vieram a se exponenciar com a invenção de Gutenberg. Embora a propagação dos livros tenha impulsionado consideravelmente a exossomatização da inteligência, seu ponto de expansão e aceleração viria com as tecnologias de linguagem trazidas pela Revolução Industrial: máquina fotográfica, fonógrafo, cinematógrafo, seguida pela revolução eletroeletrônica de que resultaram o rádio e a TV. O que é importante notar é que, nessas máquinas, que chamo de sensórias (amplificadoras dos sentidos

da visão e audição), transitam linguagens e, nestas, constituem-se novas formas de cognição que diversificam e ampliam as formas externalizadas da inteligência humana. Entretanto, essa ampliação só viria alcançar seu cume evolutivo com as máquinas cerebrais, a saber, os computadores.

Se, por limitações físico-biológicas, o crescimento do cérebro não podia se dar dentro da caixa craniana, a inteligência humana tratou de se desenvolver fora do corpo humano, extrassomatizada *sub specie* de linguagens que foram se sofisticando cada vez mais nas máquinas replicadoras das funções sensório-motoras próprias da revolução eletromecânica, passando pela eletroeletrônica, até atingir as tecnologias da inteligência da revolução teleinformática.

Enquanto as linguagens geradas em suportes eletromecânicos, especialmente a fotografia e o cinema, e as linguagens geradas em suportes eletroeletrônicos, especialmente as radiofônicas e televisivas, são linguagens voltadas prioritariamente para a ampliação de um tipo específico de inteligência, aquela do infotainment comunicacional, enquanto a própria Internet e suas redes sociais estão ainda direcionadas para o infotainment, agora incrementado pela interatividade e compartilhamento, a partir da inteligência artificial (IA), as máquinas cerebrais estão atingindo um ponto de magnitude de tal ordem, que são simulados e emulados os próprios atributos que são constitutivos da inteligência em si. Pelo estado da arte hoje, seria difícil encontrar prova maior do que aquela que nos é dada pela IA, do vetor para o crescimento da inteligência humana.

É diante disso que podemos afirmar, sem muitos titubeios, que a IA veio para ficar, crescer e se multiplicar, o que, por outro caminho, acaba por coincidir com os prognósticos dos especialistas de laboratórios, ou seja, aqueles que estão com a mão na massa, que estão construindo a IA e que conhecem por dentro os benefícios e riscos, os efeitos colaterais que apresentam, felizmente longe do sensacionalismo de filmes distópicos e de temores mal-informados. É o que pode ser atestado no livro organizado por Martin Ford, *Architects of Intelligence* (2018), um compêndio de entrevistas com especialistas de formação interdisciplinar que estão na linha de

frente das pesquisas e em condições de avaliar suas condições presentes e prognósticos para o futuro.

O CRESCIMENTO DA INTELIGÊNCIA

Desde muito tempo atrás, numa localização que se perdeu nas brumas da minha memória, provavelmente na época juvenil em que li *O acaso e a necessidade*, de Jacques Monod (1976), e então, depois de assistir repetidamente ao filme *Blade Runner* (Ridley Scott, 1982), começou a brotar em meu pensamento a hipótese de que a inteligência humana está crescendo para fora do corpo biológico, processo que já teve início nas imagens das cavernas.

O livro de Monod obteve na época uma grande repercussão, não apenas pelo fato de o autor ter recebido o prêmio Nobel. O livro colocava por terra qualquer hipótese determinística sobre a vida no planeta com suas consequências na vida humana. Conforme está expresso no título, *O acaso e a necessidade*, existe um balanço indissociável entre o determinado e o indeterminado, o possível e o atual, a previsibilidade e a incerteza. De fato, o destino se inscreve na medida em que se cumpre, e não antes. Além disso, a obra já colocava em questão dicotomias que tenderiam a se dissipar daí para a frente, especialmente entre natureza e artifício. Afinal, desde meados do século 20, a biologia já havia se dado conta da natureza química do código genético: a vida é informação.

De fato, de meados dos anos 1950 a 1980, a biologia entrou em alvoroço com a grande pergunta: o que é a vida? Aquilo que se conhecia de sua fisicalidade foi questionado. A descoberta do código genético evidenciou que vida é código, informação, portanto, algo que pode ser decifrado, destituído de quaisquer suposições de sacralidade. Aquilo que é decifrado pode ser manipulado. Não deu outra. A primeira intervenção no código genético se deu em 1969. Os problemas éticos que decorrem disso são imensuráveis. A primeira sequencialização do genoma deu-se em 1999. Qualquer cientista pode hoje ter acesso a bancos de genes.

Não foi por acaso que o livro de Monod me fascinou. Suas ideias encontraram, poucos anos mais tarde, uma versão imaginativa impactante no filme *Blade Runner* (Ridley Scott, 1982). Alguns consideram o filme, inclusive aquele que lhe deu prosseguimento (Denis Villeneuve, 2017), como uma expressão ficcional da metafísica. Penso que eles tratam especificamente de questões ontológicas situadas nos impasses biotecnológicos que estamos vivendo. Antes que a ontologia seja também fetichizada (uma tendência que os conceitos intelectuais parecem seguir), e já que essa palavra será repetidamente enunciada no decorrer dos capítulos, pois, afinal, é a ontologia do humano que persigo, devo esclarecer que tomo como ponto de partida a pergunta “o que é?”, mas não transformo o “é” na sua nominalização abstrata do “ser”. Se perguntar “o que é o humano” já é complicado, substituir a pergunta por “qual é o ser do humano?” é viajar por uma abstração essencialista que só pode dar em nada ou em crenças imutáveis.

Por isso, sigo nesse ponto as observações ironicamente saborosas de Latour (2009), ao mencionar que Sloterdijk apresenta ao seu mestre Heidegger maliciosas questões do tipo: “quando você diz que o *Dasein* é jogado no mundo, onde ele é jogado? Qual é a temperatura do lugar, a cor das paredes, o material que foi escolhido para a deposição do lixo, o custo do ar-condicionado, e assim por diante?”. Com isso, a profunda ontologia filosófica do Ser *qua* Ser toma uma direção bem distinta, a qual nos prova que a questão “pro-funda” do Ser foi considerada superficialmente. “O *Dasein* não tem roupas, nem hábitat, não tem biologia, nem hormônios, nenhuma atmosfera em torno dele, nenhuma medicação, nenhum sistema de transporte viável, nem mesmo para chegar à sua cabana na Floresta Negra. *Dasein* é jogado no mundo, mas em tal condição de nudez que não tem muita chance de sobrevivência” (LATOURE, 2009).

Para evitar essa nudez, meu segredo foi penetrar na capilaridade infraestrutural que dá sustento a eras culturais que funcionam como picos de crescimento da inteligência humana externalizada nas tecnologias de linguagem. Estas foram se expandindo através

dos séculos até chegar ao momento presente em que aquilo que costumávamos pensar sobre o que é o humano é colocado em desconcertante questionamento. Em que se transforma a mente humana, quando ela se estende em aparelhos e dispositivos? O que é o corpo, quando sua clonagem se torna possível? Mais ainda, o que é hoje o corpo, quando as tecnologias começam a penetrar em seu âmago mais profundo e se alargar por meio de sensores, GPS, hiperconexões que captam nossas localizações onde quer que estejamos? Tendo isso em vista, os *Blade Runners* não são filmes futuristas. Eles têm os olhos postos nas condições presentes. Parecem futuristas porque levaram os avanços da engenharia genética às últimas conseqüências, o que, de resto, já se anunciava desde os anos 1970. Parecem futuristas porque as pessoas tendem a olhar o presente com os olhos postos no retrovisor, conforme foi diagnosticado por M. McLuhan. Repito: não são futuristas, mas anteciparam as incertezas cruciais que o contemporâneo está colocando na face de nosso ser: em que o *Sapiens* se converteu? Afinal, o que somos nós, humanos, ou o que sobrou de nós, ou melhor, o que sobrou do que pensávamos que éramos, agora que nos tornamos literalmente híbridos entre o carbono e o silício?

Creio que esse emaranhado de questões se constituiu em um fio subterrâneo que vem, explícita ou implicitamente, acompanhando muitos dos meus trabalhos há algum tempo, alimentados também por uma curiosidade intelectual difícil de dar conta. Para tornar essa longa história mais curta, no final dos anos 1990, impulsionada pelas novas tendências da arte, estava imersa na pesquisa sobre o corpo, que passei a chamar de biotecnológico, e o seu conceito irmão, o pós-humano. Os temas eram praticamente obrigatórios na época.

Imersa em uma rosácea de ideias e atenta às exposições internacionais de arte sobre o pós-humano (HARAWAY, 1991; HAYLES, 1999), decidi dar ao livro, em que expunha as pesquisas recentes (também em débito na época com as obras pioneiras de Lemos, publicadas um pouco antes, 2002a e 2002b), o título de *Culturas e artes do pós-humano. Da cultura de massas à cibercultura*

(SANTAELLA, 2003). A penetração desse livro no Brasil deu-se de maneira lenta, mas gradativamente foi ganhando reimpressões, até ser homenageado em 17 de agosto de 2019 na Bienal Nacional do Livro em Fortaleza, justo no momento em que estava passando meu pensamento do pós-humano para o neo-humano.

De fato, muitas águas rolaram desde 2003. Minha pesquisa, levada a cabo a partir de 2015, que já foi finalizada e que envolveu a OOO, Ontologia Orientada aos Objetos, proposta pelos realistas especulativos, conduziu-me para a passagem do pós-humano ao não humano, tema discutido com veemência pelos realistas, conforme apresentei em uma publicação (SANTAELLA, 2017). A virada do não humano (*nonhuman turn*) engloba estudos interdisciplinares das mais diversas ordens, todos eles endereçados para o descentramento do humano no seio da biosfera. A rigor, as teorias do não humano representam um prolongamento crítico dos movimentos teóricos e artísticos que, durante algum tempo, ocuparam o cenário das ideias com o nome de pós-humano (FELINTO e SANTAELLA, 2012; mais sobre isso no capítulo 13).

INTELIGÊNCIA, UMA QUESTÃO A DISCUTIR

Neste ponto, é preciso esclarecer o que está aqui sendo entendido por inteligência. Não existe um consenso quanto à definição de inteligência. Aquela que está mais próxima do sentido que está sendo tomado neste livro foi formulada por Nilsson (2010). Para ele, a inteligência é uma qualidade ou atributo que habilita uma entidade a funcionar apropriadamente e com alguma previsão no seu ambiente. A partir disso, são muitas as entidades que podem possuir a qualidade da inteligência: humanos, animais e algumas máquinas. Não é por acaso, portanto, que nossos celulares são chamados de telefones inteligentes, o que, de fato, são. Seria difícil dizer que não.

É fundamental esclarecer que pensar o crescimento da inteligência da espécie humana, e com ela o neo-humano, não implica,

de modo algum, a consideração acrítica e apologética desse crescimento. Ao contrário, a inteligência cresce e com ela crescem juntos suas ambivalências, suas contradições e seus paradoxos. Afinal, conforme Edgar Morin (1975) já nos alertou há muitos anos, somos *homo faber, loquens, ludicus, sapiens, digitalis* e, sobretudo, não há como negar, somos também *demens*. Trata-se de uma espécie efetivamente paradoxal que ganha, ao nascer, a consciência da morte; um ser para a morte, como afirmou Heidegger. O que se tem aí é um descarnamento radical, irrevogável, irremediável, uma promessa de dor pela efemeridade, pelas perdas dos seres amados e pelo desaparecimento inexorável, em contradição cabal com o sonho de eternidade que ronda a fragilidade da vida fadada à morte.

Trazendo a questão para mais perto da realidade atual, Bostrom (2016, p. 67) esclarece que somos levados a constatar que as sociedades modernas não parecem inteligentes. Condições bastante negativas presentes no recrudescimento geopolítico de animosidades perigosas, aliadas, em alguns países, àquilo que vem se evidenciando como a ascensão de uma direita radical, comparecem como sinais evidentes de falta de sabedoria e incapacidade mental na era moderna. Além disso, são também evidentes a idolatria do consumo, a poluição e destruição do meio ambiente e dizimação de muitas espécies, as falhas em se remediar injustiças globais e a negligência em relação a valores humanos e espiritualidade. Tais condições apenas comprovam que o crescimento da inteligência coletiva não implica maior sabedoria. O fato de sistemas inteligentes não serem inerentemente bons e confiavelmente mais sábios funciona como índice inegável dos paradoxos e contradições de uma espécie que, por ser *sapiens*, carrega a demência também dentro de si.

Tais condições, entretanto, não devem impedir a constatação crítica de que somos uma espécie em processo ininterrupto de evolução, um tipo de evolução que é hoje bastante precipitada pelo crescimento das linguagens e, com elas, da cognição humana, o que de modo algum pode ser tomado como sinônimo de progresso, sendo esta palavra, de resto, uma invenção alimentadora dos ideais capitalistas. Vem daí a importância de se levantar

os perigos que nos rondam e de se engajar no pensamento de estratégias como o faz Bostrom (2016, p. 67) em sua obra. Esse é o novo limiar em que nossa humanidade está penetrando, um limiar cuja extrema complexidade e cujos desafios ontológicos e especialmente éticos, segundo Tegmark (2017), deveriam nos instigar para uma conversação em que todos, de uma forma ou de outra, poderiam se engajar.

É nesse diálogo que este livro se engajou, com a modéstia que me cabe, mas com o rigor necessário e na continuidade de ideias que foram brotando e amadurecendo ao longo do tempo e que me fizeram chegar às condições atuais do meu pensamento com a constatação de que estamos no limiar do neo-humano, uma constatação que foi sendo passo a passo construída nos capítulos que se seguem.

O leitor impaciente pode parar por aqui. Mas aqueles que se dispuserem a realizar a longa e paciente travessia descobrirão no seu final as explicações necessárias para o encontro com esse neopersonagem cujas determinações passadas este livro tratou de deslindar, mas cujas consequências do presente para o futuro inserem nossos pensamentos e afetos no vórtice de cruéis incertezas.